

**DISCRIMINAÇÃO CONTRA OS ESTUDANTES OBESOS
E OS MUITO MAGROS NAS ESCOLAS BRASILEIRAS****Luis Claudio Kubota**Técnico de Planejamento e Pesquisa da Diretoria de
Estudos e Políticas Sociais (Disoc) do Ipea.

A Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) 2012, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em parceria com o Ministério da Saúde (MS), abrange um amplo leque de assuntos, com destaque para comportamentos de risco. Este artigo tem o objetivo de analisar a discriminação contra estudantes obesos e muito magros utilizando microdados da PeNSE.

Estatísticas descritivas indicam que os “muito gordos” têm indicadores piores para a maioria dos comportamentos de risco e outras variáveis analisadas. Muitos indicadores são piores para os “muito magros” que para os “gordos”. Comparando meninas e meninos, há menor percentual de ofensoras envolvidas em brigas, feridas e fisicamente ativas, menor consumo de drogas ilícitas e de fórmulas para perder ou ganhar peso, maiores índices de solidão e sedentarismo. Os percentuais de insônia são mais elevados para as meninas. As “muito magras” têm mais chance de sofrer *bullying* que as “gordas”, ao passo que o inverso ocorre para os meninos.

Os dados para as escolas públicas e privadas têm padrões similares. A ocorrência de *bullying* é ligeiramente maior nas escolas privadas e a prevalência de estudantes sedentários é menor. Os percentuais de alunos induzindo vômito ou tomando laxantes e fumando cigarros são maiores em escolas públicas. Os indicadores também sugerem que os “muito gordos” são conscientes com relação à alimentação e, pelo menos em termos de dias na semana (não necessariamente em quantidades), mostram um esforço de seguir uma dieta mais saudável que seus pares.

Estas estatísticas sugerem a ocorrência de um fenômeno complexo e recursivo, no qual estudantes cuja relação com os pais ou responsáveis é menos harmoniosa têm menor autoestima e também mais problemas com seus pares. Também é possível observar que o consumo de drogas ilegais apresenta percentuais relativamente baixos, ao passo que o uso de drogas para ganhar ou perder peso, laxantes ou indução ao vômito alcançam proporções muito mais elevadas entre os “muito magros” e “muito gordos”.

O modelo econométrico mostra que os não “normais” têm mais chances de sofrer *bullying* frequente (BF) que os “normais”. Os estudantes do sexo masculino têm mais chances de ser discriminados, quando comparados aos do sexo feminino. Alunos de 17 anos têm menos chances de sofrer BF que os de 14 anos. Não há diferença estatisticamente significativa entre as escolas públicas e privadas. Estudantes pretos, amarelos e indígenas têm mais chances de sofrer BF que os brancos. Não há diferença estatisticamente significativa entre brancos e pardos. Alunos cujas mães não estudaram têm mais chances de sofrer BF do que aqueles cujas genitoras têm ensino médio completo.

Várias questões referentes a políticas públicas emergem dos resultados. Primeiro, a discriminação baseada em imagem corporal deve ser reforçada como preocupação no âmbito das políticas do MS e do Ministério da Educação (MEC). Segundo, o uso de drogas, fórmulas e outros produtos para perder ou ganhar peso, laxantes ou indução ao vômito entre os jovens deve ser considerado como um fenômeno de

dimensão significativa no âmbito das políticas públicas de saúde. Terceiro, campanhas públicas devem ser promovidas para diminuir a discriminação. Entretanto, estas campanhas e também aquelas voltadas para promover alimentação saudável e prática de exercícios físicos devem ser testadas para prevenir a estigmatização dos obesos e dos muito magros. Quarto, a prática de exercícios físicos deve ser ainda mais promovida entre os estudantes, especialmente os do sexo feminino.

SUMÁRIO EXECUTIVO